

Corre! Corre pelas ruas, vielas, escadas!
Foge com força insolente, subversiva.
O calor que emanou, os passos pisaram:
não só calçados — carne, alma, chão marcado.

Tenta apagar? Trocar os solados?
Imaculado? Vã tentativa.
A marca que deixaste no chão perdido
não se apaga. Não se desfaz.

O coração coletivo resiste:
obstinado, persistente, insolente,
sanguessuga viva, cravada na ambiguidade.
Segue o vulto. Trilhas. Fronteiras.

Afundaram os pés — não só solados.
O calor palpitante vai contigo,
atravessa vigílias, noites, movimentos,
escorre na pele, respira no asfalto —
prazer e revolta entrelaçados,
linha sem fim, desejo que marcha e não se rende.

Cada passo ecoa nas ruas da memória,
cada solado lembra mães e ancestrais,
que resistiram, que dançaram, que lutaram,
e ainda dançam no calor que carregamos.

Novas estradas? Lama fingida, risos...
Cada pegada lembra: dor não cura.
O caminho ferido ainda pulsa,
a pisada insiste em viver.



Vai! Explora, escala, desce, se lança!
Procura artífices a lustrar os pés?
Vai — ao inferno, ao céu, a qualquer lugar!
Mas carrega o abismo, o tormento.

E não esqueças:
cada passo é revolta,
cada pegada é manifesto ardente,
cada solado prova: a memória não cede.
Queima. Rasga. Persegue. Persiste.

E se os pés tocarem este caminho,
saberão que o calor deixado
ainda habita entre nós —
proibido. Vivo. Coletivo.
E nunca mais se apaga.